

Vol. I

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão
Número especial 2025

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. I

Coordenação de
Jorge de Oliveira

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri

Título

MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO

(Número especial 2025 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

Vol. I

Edição

Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação

Jorge de Oliveira (Universidade de Évora, CHAIA)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design Gráfico e Paginação

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Fotografia de capa

Juan Carlos Jimenez

Depósito legal n.º 551 345/25

ISBN n.º 978-989-566-550-1

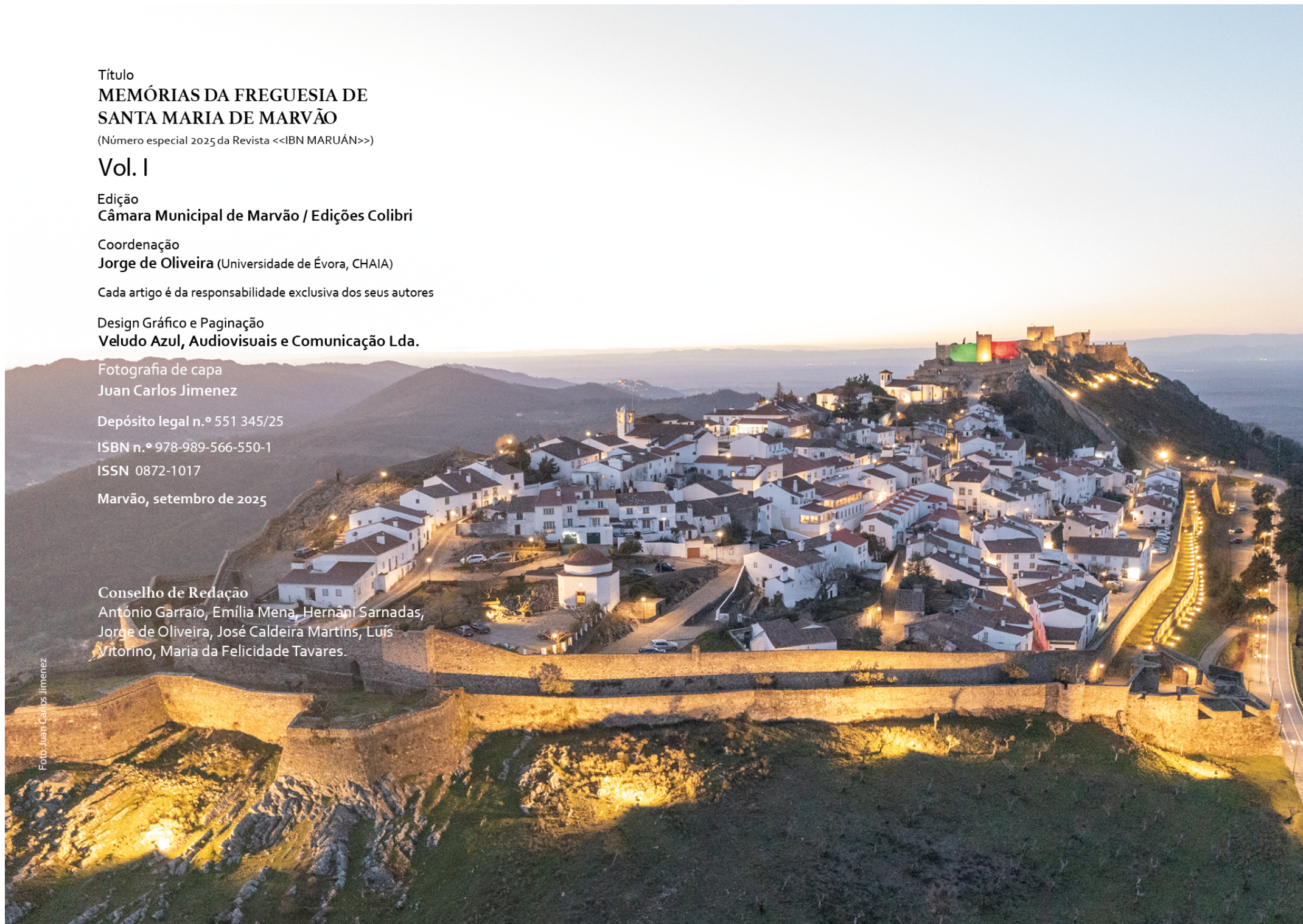
ISSN 0872-1017

Marvão, setembro de 2025

Conselho de Redação

António Garraio, Emília Meng, Hernâni Sarnadas,
Jorge de Oliveira, José Caldeira Martins, Luís
Vitorino, Maria da Felicidade Tavares.

Foto: Juan Carlos Jimenez



An aerial photograph of a village, likely Marvão, Portugal. The village is built on a hillside, with a prominent white church with a tiled roof in the foreground. The background shows rolling hills and a clear blue sky.

EDITORIAL

Novo número da Revista Cultural do Concelho de Marvão, *Ibn Maruán* é agora editado. Desde 1991 que, ciclicamente, o Município de Marvão promove a edição desta nossa revista cultural. Através dela a cultura, as tradições e a história deste concelho e das áreas envolventes são divulgadas, mas, sobretudo, nestes múltiplos números da revista, registam-se saberes que se projetarão para lá da nossa curta memória individual.

Agora, este número especial e desta vez em dois volumes, tal o número de temas e de colaboradores que nos quiseram presentear com o seu conhecimento, é dedicado, exclusivamente à Freguesia de Santa Maria de Marvão. Já anteriormente tinham sido publicados volumes monográficos dedicados às outras três freguesias do concelho de Marvão, São Salvador da Aramenha, Santo António das Areias e Beirã. Faltava, portanto, deixar registado, para memória futura, a História, as tradições, as vivências e a cultura em geral da mais antiga freguesia do concelho de Marvão.

Sairá agora o primeiro volume destas Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão e, brevemente, no segundo volume serão editadas as restantes memórias.


Como obra coletiva que é queremos aqui deixar o nosso reconhecido agradecimento a todos os que de forma generosa quiseram connosco colaborar através da sua escrita, das suas fotografias, da cedência de documentos e de informações que possibilitaram que se concretizasse este nosso desejo.

A todos a nossa gratidão.

O Presidente da Câmara Municipal de Marvão

Luís António Vitorino

Engº Luís Vitorino

The image is a full-page background photograph. On the left, a large, cylindrical stone tower with a small square window is visible. The tower is made of rough-hewn stones and has a weathered appearance. In the background, a white church with a tiled roof and a small bell tower is situated on a hill. The church has a simple facade with a central door and windows. The surrounding landscape is hilly and covered with sparse vegetation. The sky is clear and blue.

MENSAGEM DE AGRADECIMENTO:

Gostaria de expressar o meu mais sincero agradecimento a todos os envolvidos na realização do livro dedicado à história da Junta de Freguesia de Sta. Maria de Marvão. Esta obra representa um valioso contributo para a preservação da nossa identidade coletiva e para o reforço da memória histórica desta freguesia, tão rica em património e tradição. Investigar a história local não é apenas um exercício académico, mas um ato de cidadania e de respeito por todos os que ajudaram a construir o presente. Ao conhecer o passado, compreendemos melhor quem somos e conseguimos projetar um futuro com identidade e consciência.

Através dos dados históricos reunidos com tanto cuidado e rigor técnico, é possível aprofundar o conhecimento sobre a freguesia mais antiga do concelho de Marvão. É com orgulho que, como Presidente de Junta desta Freguesia, vejo que é deixado um legado precioso para as gerações futuras.

Ao Professor Doutor Jorge Oliveira deixo o meu profundo reconhecimento e os parabéns por esta iniciativa meritória.

Com estima e gratidão,

A Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria de Marvão

Sandra Paz

ABREVIATURAS

ADPTG – Arquivo Distrital de Portalegre
AHM – Arquivo Histórico Militar
AHMM – Arquivo Histórico Municipal de Marvão
AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra
C. *Circa*
C.c. - *Casada(o) com*
C.^{el} – Coronel
C.g. – Com geração
Cf. Confrontar
Cx. - Caixa
Doc. – Documento
Ed. – Edição
Fal. - Falecida(o)
Fl./Fls. – *folio / folios*
IANTT – Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo
M.s. Morreu solteira(o)
M.s.s.g. – Morreu solteira(o) sem geração
Mç. – Maço
N. – Nascido
N.º - Número
Nt. – Nota
P. / PP. – Página / Páginas
S.g. - Sem geração
S.m. – Sua mulher
S.M.F. – Sua Magestade Fidelíssima
S.s.g. – Solteira(o) sem geração
S.^{to} – Santo
Séc. – Século
V.º - Verso
Vol. – Volume

Antónia Fialho Conde
 Universidade de Évora, IDEHUS



As redes de poder e a afirmação dos ditames tridentinos na igreja de Santa Maria de Marvão em Setecentos

Entre a documentação de meados do século XVIII pertencente ao convento de religiosas maltezas de S. João da Penitência de Estremoz¹ encontramos interessantes referências à Igreja de Santa Maria de Marvão.

Sabemos, pelas *Memórias Paroquiais* (1758), que a igreja de Santa Maria, matriz de Marvão, é citada pelo pároco Manuel Viegas Bravo como sendo a mais antiga da vila. Marvão tinha duas igrejas paroquiais, Santa Maria e S. Tiago, sendo ambas priorados da Ordem de Malta; desses dois priorados dependiam três ermidas próximas às muralhas, embora fora delas (ermidas de S. Domingos, S. Brás, do Calvário e de Santo André, descrita esta última como destruída), cujas festividades eram asseguradas anualmente, de forma alternada, por um dos priores; além destas, deles dependiam ainda três igrejas paroquiais e suas filiais mais longínquas (freguesia do Rei Salvador, freguesia de S. Julião, freguesia de Santo António das Areias) e uma que já não teria cura, a freguesia de S. Sebastião do Monte dos Galegos. Os dois priorados recolhiam os dízimos de todos estes curatos, sendo que, desde finais da segunda década do século XVIII, o bispo de Portalegre estava na posse da apresentação desses



Foto: João Bica

¹ Biblioteca Pública de Évora, Livro 102 de S. João da Penitência – Estremoz. Trata-se de uma documentação que temos vindo a trabalhar dado o seu interesse para a história e património religiosos a nível regional e nacional, permitindo precisamente estabelecer ligações entre diferentes instituições (regulares e seculares) e observar a extensão do poder, bem como os seus limites, das Casas religiosas femininas.

curatos, reflexo também do reforço do poder dos bispos pelo Concílio de Trento.

A igreja de Santa Maria era de padroado, na posse de um descendente direto do monarca, e que, juntamente com a igreja de S. João de Castelo de Vide, o infante tinha poder para pensionar, por Bula apostólica, para o convento das maltezas (de S. João da Penitência) de Estremoz. Esta comunidade de religiosas, com origem



numa casa de mulheres devotas de observância franciscana no século XV em Évora, em cuja fundação terá participado o infante D. Luís, filho de D. Manuel I, fora integrada na Ordem de Malta com reconhecimento em capítulo da Ordem em 1517. A comunidade foi transferida em 1541 para Estremoz, ano do reconhecimento papal da observância franciscana, ficando sob dependência dos franciscanos da Província dos Algarves até 1748; neste ano, o papa Bento XIV eximiu-a dessa jurisdição ficando sob alçada do Prior do Crato.

Desta forma, o benefício da igreja de Santa Maria era da Ordem de Malta (era, pois, um benefício regular) não podendo ser feita mercê a ninguém deste priorado sem a obrigação de tomar o hábito e professar como frei capelão de obediência. Na altura das *Memórias Paroquiais* (1758) o benefício era da apresentação do Infante D. Pedro, filho de D. João V (e que este investira enquanto Grão-Prior do Crato), futuro D. Pedro III de Portugal; das rendas deste benefício as religiosas maltezas auferiam duas partes e a parte restante pertencia ao prior (o rendimento do priorado seriam cerca de 500 mil réis).

Porém, havia responsabilidades económicas para com a fábrica da igreja de Santa Maria, sendo que as religiosas estremocenses asseguravam dois terços (oito mil réis) e o prior o restante (quatro mil réis), dinheiro recolhido pelo fabriqueiro que o entregava depois ao prior. Esses proventos financeiros eram repartidos nomeadamente para se irem buscar os Santos Óleos, para a cera do Sepulcro, para a cera preta

das Trevas, para o incenso das festas da igreja, sendo o restante gasto em obras pequenas.

A documentação analisada refere que a igreja tinha um coadjutor, que representava um encargo anual de 30 mil réis (dois terços pagos pelas religiosas e o restante pelo prior); porém, as relações entre as religiosas e o prior nem sempre foram fáceis, dado que o prior muitas vezes faltava ao pagamento, argumentando que não tinha obrigação. A situação conduziu a que houvesse contra ele uma sentença dada em Lisboa em 25 de maio de 1678, sendo que continuou a negar o pagamento, recorrendo à rendeira das religiosas para que esta pagasse a soma que ele devia assegurar (argumentando que a sentença dizia que a soma devia ser paga dos frutos, ou seja, das rendas da igreja). O bispo e o vigário geral de Portalegre intervieram, exigindo que o pagamento devia ser pago pelo prior.



Ainda em termos de despesas, e de quem as deveria assegurar, em visita realizada às igrejas de Marvão, o bispo de Portalegre deixou claro que se houvesse necessidade de dourar o retábulo da igreja de Santa Maria, António Gomes tinha em sua posse mais de cem mil réis procedentes de 10 mil réis anuais da renda dos bens da igreja, como havia sido ordenado na visita de Malta; achava o bispo que estava na altura de se solicitar esse valor, dadas as muitas faltas na sacristia, argu-

mentando que em mais de quatro décadas em que fora prior Manuel Rodrigues Calado este não fizera qualquer intervenção, antes danificara o que havia (é relatado no mesmo documento que também na igreja de S. Tiago nada se fazia, com o prior ausente, estando muito necessitada de intervenção).

Como resultado das visitas do bispo, ou do seu representante, à igreja de Santa Maria, temos um rol de aquisições que foram feitas: umas salvas para o altar-mor; um livro para os cânticos de defuntos e três cadernos para as missas de *Requiem*; um paramento de cor verde inteiro e duas capas de asperges, uma roxa e uma verde; duas

JOSÉ CARRILHO VIDEIRA, O Revolucionário de Marvão

dalmáticas roxas; três véus verdes, dois brancos e dois encarnados; duas mangas de cruz, uma roxa e uma branca; três alvas com renda; seis amitos; três cíngulos; uma dúzia de sanguinhos; quatro toalhas, duas de comunhão e duas de lavatórios; um cálice de prata; uma tribuna; um caixão; um pavilhão para o sacramento e um vaso para o lavatório. É ainda indicado que o sino, que se encontrava quebrado, devia ser substituído por um maior e que o cruzeiro da igreja devia ser reedificado. Como vemos, interessantes indicações especialmente sobre o património móvel da igreja e quiçá ainda possível de localizar, pelo menos em parte.

Como resultado de uma das visitas do bispo de Portalegre, o pároco dirige-se diretamente à madre priora de S. João da Penitência relatando o resultado dessa visita, sendo ainda referidas as necessidades da igreja de S. Julião (que dependia, como acima dissemos, dos dois priorados, Santa Maria e S. Tiago): duas vestimentas, uma verde e uma branca, uma capa de asperges verde, uma manga branca, uma toalha, meia dúzia de sanguinhos e um frontal verde. O bispo ordenou ainda que, estando o altar-mor a ameaçar ruína, bem como o retábulo, este devia ser reformado, devendo ser colocadas umas sacras no altar e um Missal. O bispo determinou que as despesas deviam ser asseguradas pelos frutos dos dois priorados, pois ambos recebiam igualmente os dízimos da freguesia de S. Julião; como a comunidade das maltezas tinha duas partes das rendas de Santa Maria, o pároco de S. Julião avisava da necessidade das religiosas participarem nas despesas que surgissem.

Como vemos, estes documentos, embora limitados no tempo, testemunham uma interessante teia de relações entre instituições religiosas seculares e regulares, implicando ainda a Ordem de Malta, e todo um conjunto de personagens ligado ao funcionamento da Igreja católica pós-tridentina no terreno, dos curas aos párocos, do vigário-geral ao bispo, dos priores à priora de S. João da Penitência, provando, a nosso ver, o dinamismo, à época, dos dois priorados instalados em Marvão, muito particularmente o de Santa Maria como Matriz da vila. Ao mesmo tempo, podemos destrinçar na documentação detalhes que nos transportam para o cumprimento da *praxis* religiosa pós-tridentina no interior do país, ao serem ditadas cores preferenciais para a paramentaria (roxo, verde, branco, as cores de Trento por excelência), a variedade das vestimentas eclesiais e dos alfaia litúrgicas, de acordo com o cerimonial de cariz barroco a que estavam associados, a que os elementos musicais não eram alheios.

5 janeiro 2024

Nota: Fotos da Igreja de Santa Maria de Marvão.



José Carrilho Videira

Sobre a vida e obra de José Carrilho Videira vários textos já foram publicados e por diferentes autores. Merecia este notável Marvanense um profundo estudo que revelasse, sobretudo, o seu pensamento e vivência política naquele interessante e turbulento período que antecedeu o fim da monarquia. Não é tarefa fácil reunir as suas posições políticas porque elas foram evoluindo e encontram-se dispersas por vários livros, jornais e revistas. Frequentemente Carrilho Videira serve-se de múltiplas citações dos seus autores de referência para publicitar o seu ideário político nos textos que divulga. Como editor e propagandista do Livre Pensamento e do Movimento Republicano, especialmente do Federalismo, por



A muralha de Marvão, fotografada pelo pai, num dia de nevoeiro

ÍNDICE

VOL. I

• Editorial.....	<i>Luís Vitorino</i>	5
• Mensagem de agradecimento.....	<i>Sandra Paz</i>	7
• Nota de abertura.....	<i>Jorge de Oliveira</i>	9
• ASPETOS GEOLÓGICOS DA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO	<i>Ana Paula D'Ascensão</i>	13
• ARTE RUPESTRE NA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO - o parto do Ninho do Bufo	<i>Filomena Torres / Jorge de Oliveira</i>	27
• A FORTALEZA DE MARVÃO.....	<i>Luís Fontes</i>	53
• Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de SANTA MARIA DE MARVÃO.....	<i>Teresa Simão</i>	127
• MEMÓRIAS DA SOR CELEDÓNIA GIL OU HISTÓRIA DAS FUNDAÇÕES EM PORTUGAL DESDE 1932 ATÉ 1977 DAS FILHAS DE MARIA MÃE DA IGREJA.....	<i>Jorge de Oliveira</i>	139
• NOSSA SENHORA DA ESTRELA: UM SANTUÁRIO E AS SUAS IMAGENS	<i>Ruy Ventura</i>	187
• O AZULEJO NA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO.....	<i>Ricardo Morais Sarmiento</i>	217
• O DOUTOR JOSÉ ANTÓNIO DO VALLE E A CHAMADA CASA DO BRASÃO EM MARVÃO	<i>Francisco de Azevedo</i>	251
• As redes de poder e a afirmação dos ditames tridentinos na igreja de Santa Maria de Marvão em Setecentos.....	<i>Antónia Fialho Conde</i>	271
• JOSÉ CARRILHO VIDEIRA, O Revolucionário de Marvão	<i>Jorge de Oliveira</i>	275
• HISTÓRIA DE UMA FONTE – uma fonte com história A Fonte do Concelho de Marvão	<i>Emília Mena</i>	327
• MARVÃO - histórias e memórias	<i>Fátima Gomes Esteves</i>	337
• ÍNDICE.....		359